

Bemaventurados os que podem recordar porque esses serão consolados.

Devia ser esta a undécima das bemaventuranças do catecismo católico.

O dom de recordar anula as noções de tempo e de espaço. Traz-se o passado ao presente, afastando tudo quanto possa perturbar a harmonia e a beleza das coisas idas.

A memoria possui a ciencia de filtrar, pelo mais fino dos tamises fátos, impressões sensações, para trazer à luz do momento actual somente aquilo que, tendo sido, mereça continuar a ser.

Graças a esse dom de seleccionar e escolher é que nós, nesta hora religiosa de culto a Martins Fontes, podemos afastar de nosso espirito todas as cenas de desolação e de lagrimas, todo espectáculo tenebroso de dor e de luto que envolveu, ha cinco anos, o coração desta cidade. E para trazer à nossa presença, vivo, radiante, na plena pujança da sua gloria de poeta e da sua nobreza de homem - Martins Fontes - o nosso Zézinho Fontes, nosso poeta, nosso amigo, nosso irmão.

Estamos aquí para uma festa de luminosa ressurreição. Com ela nada a Morte tem que ver. A Morte fez um dia a sua obra de destruição material. Se é este o seu officio!... passar aniquilando e destruindo!... Mas o que ela não consegue fazer é abalar siquer as construções definitivas, eternas da intelligencia e do coração. E é por isto que Martins Fontes permanece entre nós com todo o fulgor de seu estro solar e com toda a doçura de sua franciscana bondade.

E se é esta uma festa de ressurreição vamos aquí conversar do nosso amigo idolatrado como se ele tivesse apenas se ausentado de sua tão querida Santos para ir ao Rio como periodicamente o fazia, revolucionar o Rio.

Sim, revolucionar o Rio!

Porque Fontes chegava à Guanabara sem previo aviso a ninguem. Fazia-o, aliás, por principio, para não incomodar os amigos, chegando ou saindo. Tinha mesmo uma fórmula que resumia nesta graciosa quadrinha:

"Eu nestas coisas de viagem  
Amigos não acompanho  
Quem vai quer ver a bagagem  
Quem chega quer tomar banho".

Diga-se, em verdade, que ele só cumpria a recíproca da sua fórmula. Porque, de fátó, nunca deixava de ir à recepção e aos "botas-foras" dos amigos para abraça-los, trovejar à chegada e choramingar às desoedidas.

Chegando ao Rio corria ele ao hotel com a açada pressa de sempre. Mas não evitava com o seu incógnito ser visto por um ou outro amigo ou simples conhecido. E tanto bastava para que começassem a tilintar os telefones em avisos alegres e nervosos aos quatro cantos da cidade.

- Sabes quem está aí? Fontes.

- Quando chegou? - Agora mesmo, vi-o na Avenida.

E a noticia da presença do Fontes expandia-se quase que instantaneamente, por todos os bairros, sem ser necessario recorrer-se aos serviços da radiofonia.

E era então o tumulto, o desequilibrio, a desorganização de todo o método de vida de seus amigos. As esposas destes já sabiam que não era possivel por aqueles dias a normalidade dos horários domésticos. Nada de visitas, de teatros, de cinemas. E, assim, do mesmo molde, ficavam desertos muitos escritorios, consultorios, repartições, redações.

Para uma centena de intelectuais de varia categoria e profissão a vida agora se resumia na caça ao Fontes, na disputa do Fontes.

Todos o queriam para almoçar, para jantar, para uns dez minutos à tarde, para uma meia hora à noitinha, para de manhã cedo, para horas absurdas e impossiveis, todos na ansia egoista de ouvi-lo paletar, esfusiante, transbordante, cascadeante, no esplendor multicolor de sua alegria e do seu espirito.

E Fontes que jamais encontrou na lingua dificuldades glóticas sempre se atrapalhava em dizer o monossílabo - não. E a todos prometia que sim e toca a marcar encontros coletivos que, apesar de todos os cálculos cronométricos de minutos e segundos, prendiam-no ao Rio por mais dois ou três dias e faziam-no sacrificar os interesses pessoais a que se destinava a viagem.

É verdade que ele às vezes ia ao Rio apenas para... descansar.

- - -

A ultima vez que tive a alegria de o receber em minha casa ele a designára como centro de convergencia das numerosas hordas que o perseguiam. Fui por ele avisado à ultima hora quando mal havia tempo de providenciar para os manjares e hidromeis da recepção, tanto mais quanto o numero dos convivas era um enigma para mim e minha senhora e mesmo para o Fontes que já lhes perdera a conta.

Às dez horas em casa do Tigre, fôra o mot d'ordre a uns trinta ou mais "perseguidores". E às dez horas começaram eles a chegar, isolados, aos pares, ou aos grupos, cavalheiros, senhoras, senhoritas.. Por sinal que os primeiros chegados nos eram totalmente desconhecidos e tiveram que fazer a propria apresentação.

E que melhor apresentação poderãam eles trazer? - Amigos de

Martins Fontes. Era uma chave-mestra que abria os corações todos lá de casa. E outros e outros convidados foram chegando, menos... o Fontes.

Enquanto se esperava pelo verdadeiro anfitrião, palestrava-se, fazia-se música, diziam-se versos. E excusa dizer que ninguém pensava em retirar-se antes da "festa" chegar.

- - -

E a "festa" chegou, afinal. Chegou com braçadas de flores e os dedos enforcados por barbantes que atavam embrulhos de frutas, de doces, de bombons, de marrons glacés.

A festa chegou como um sol de meia noite, mas um sol com a cintilância, a refulgência do "sol setembral do Brasil" de que nos fala o poeta naquela obra prima - Pagão.

Eu nasci para ser pastor na ilha Porchat.

Excusa dizer que não houve mais socego ou sorrisos protocolares, ou atitudes cerimoniais naquela assembléa de extranhos que Fontes convocara a um dos seus numerosos lares do Rio de Janeiro.

A sua alegria explosiva, estridulante, cheia de travassuras e maluquices era electro-magnética, radio-expansiva, hertziana - transmitia a todos os corações em estado de euforia, em estado de graça. Era contagiosa aquela febre saudavel de alegria a quarenta graus.

Mas os amigos pediam-lhe versos: como admitir-se alí a propria Poesia - travestida, embora, vestida à moderna, de smoking, e não dar versos àquele bando de sedentos de belesa.

Fontes, então, transfigura-se: e a sua voz. a um tempo vibrante e veludosa, de modulações polifônicas, opulenta de sonoridades, que vai, do rouco revôo da pororóca amazônica ao doce e suave cicio da brisa nôm rosal - a sua voz de que só encontro paralelo na de Bilac, entra-nos pelos ouvidos e também pelos olhos, inunda-nos a alma de encantamento e doçura. Volupia divina. Estamos em extasis.

Notae que falo no presente. E não podia ser de outro modo, porque ouço neste momento, positivamente estou ouvindo, a música daqueles versos de tão pulcras ideas e tão formosas imagens, expressas em forma tão perfeita, esculpidas em velha prata portuguesa, ou em ouro novo brasileiro, e adornados da pedraria multicolorida de rimas e cintilações imprevistas. Sob a magia dessa confusão fantasmagórica de cores e de sons que compuz estes versos:

A COR E O SOM NA ARTE DE MARTINS FONTE

Ha em tudo o que em prosa ou em versos dizes,  
De som e cor a conjunção radiosa;  
Tem o teu verso todos os matizes  
Vibram todos os sons na tua prosa.

Imagens novas, expressões felizes,  
Em frase de ouro a rima azul-e-rosa-  
Nelês a vida exaltas e bendizes  
E vemo-la fulgir, maravilhosa.

Pintor de sons, orquestrador de cores!  
Teu verbo é vibração de aureos fulgores,  
Gritos de luz ha nele, a cada passo,

Manejando o pincel, vibrando o plectro,  
Fundes as notas do solar espectro  
Às tintas musicais que enchem o espaço!

Entretanto os amigos não se satisfazem: eles querem mais harmonias, mais côres, mais perfumes - em suma, eles exigem mais versos de Martins Fontes. E o poeta vai derramando sobre nós, prodigiosamente, o inesgotavel tesouro da sua Poesia.

Mal termina a recitação de um poema e vêm os aplausos, os gabos, os comentários enternecidos, e o poeta sorri, muda de tom e entresacha uma anedota a propósito, para despistar os amigos, fugindo aos louvores.

Porque este homem, louvador por excelencia, que se entusiasma, vibra, extazia-se diante de um belo verso, de uma frase feliz de seus confrades, este home para quem o maior prazer é louvar (mais na ausencia que na presença, falando ou escrevendo), este arauto conclamador dos méritos alheios, não deixa espaço ou tempo para que o elogiem ou endeosem. Não que repila os encômios com protestos de falsa modestia, coisa muito de habito na república das letras. Não. Entre outras artes, Fontes tem a arte de esgueirar-se, de coleiar entre duas frases e, quando a gente se apercebe, está ele fora do alcance do bombardeio de flores.

- - -

Relembro aquí o dia - já láse vão muitos anos - em que ainda estudante de Politécnica, ouvi, pela primeira vez, a voz de Martins Fontes. Ouvi-a sem ve-lo. Residia eu, com um colega de escola, numa sala do LARANJEIRAS 2, habitação coletiva de estudantes e jornalistas - um pouco mais que casa de cômodos e muito menos que casa de apartamentos, Na sala contigua morava Alcides Maia e Gregorio da Fonseca, a quem se juntavam para palestras e discussões literarias e filosóficas, Marcolino Fagundes, Leal de Souza, Fabio de Barros, Annibal Theophilo e outros mais.

Certa noite - vespuras de exame - estava eu a distrinchar complicadas fórmulas de cálculo das variações, quando ouvi no quarto vizinho o cachoeirar de uma voz que me era estranha. As discussões acadêmicas e revolucionarias na sala do Alcides não nos atrapalhavam os estudos

tão habituados estávamos a elas. Ficávamos alheios ao rumor da disputa que às vezes se fazia violentíssima e onde estouravam como bombas, nomes tais como Hugo, Lamartine, Shakespeare, Dante, Cervantes, Goethe, Bauville, Gauthier, Flaubert, Heredia, quando não eram Socrates, São Thomaz de Aquino, Kant, Darwin, Leibnitz, Augusto Comte...

Mas, desta vez, tive de suspender o estudo. Começava a interessar-me o rumor visinho, de que se destacava uma voz diferente para os meus ouvidos, musical e viva, de um timbre de cristal multissonoro, com alegros, magestosos e pianísimos... Dissertava sobre coisas de arte, mas com tamanha fluência, com tão perfeito ritmo, com tanta galhardia de expressões, imagens tão bizarras; e tudo fluente como um rio deslisando fácil sobre um leito de areia, que imaginei que a pessoa - quem quer que ela fosse, estava lendo trechos duma bela obra d'arte. Mas, logo, por certos incidentes do discurso vi tratar-se de uma simples palestra de um milionário de expressões, conceitos e imagens. E com a semcerimonia própria da idade e do meio, no primeiro intervalo que se fez, empurrei a porta do Alcides e perguntei, ex-abrupto: - Quem é este belo livro que está falando aí ?

Risos - apresentações - abraços e beijos - os beijos do coração do Fontes.

Repetiu-me ele muitas vezes, largos anos transcorridos, que nunca ouvira na sua vida um elogio mais espontâneo, mais sincero e mais engraçado.

- - -

Era ele, então, estudante de medicina e jornais e revistas já haviam publicado alguns de seus maravilhosos sonetos de Verão. Conhecia-os, admirava-os e ansiava por conhecer-lhes o autor. Deliciou-me aquela imprevista oportunidade.

Entramos juntos na roda da boemia literária da Colombo onde apostolavam Bilac, Guimarães Passos, Emilio, Pedro Rabelo, Goulart, Oscar Lopes, Severiano de Resende e outros e outros. Aí - como escreveu Fontes "acendíamos os cigarros em fagulhas de paradoxos, incendiávamos, momentaneamente, em radiantes fogos de artifício verbal o salão espelhante da Confeitaria; espalhávamos no ar, zunindo, faiscando, causticando, mil prodígios de imaginação, entre facecias e trocadilhos".

E ele relembra na " GUANABARA "

Irmã fulva da alegria  
A Blague rufava o bombo  
Dentro da Confeitaria  
Colombo

Era a roda literaria  
Em toda a sua virtude

Hiper-ultra-extraordinaria  
Juventude

Das cinco às sete da tarde  
Rindo, brincando, bebendo,  
A roda airava em alarde  
Tremendo

Belos tempos da loucura  
Dos sonhos da mocidade  
Por ela sinto a mais pura  
Saudade.

Saudade da mocidade... Força de expressão a que o obriga a rima. Porque Martins Fontes nunca pôde ter saudades da mocidade, ele que, em plena madureza, jamais deixou de ser moço, juvenilmente moço, infantilmente jovem, de uma juventude inquieta e transbordante que floria em sorrisos e trescalava em bondade como o perfume quente e vivo de uma garfênia em pleno frescor.

- - -

As brincadeiras ! As maluquices do Fontes ! De uma feita apareceu-me na pensão que eu morava, solteiro e só, um senhor italiano de revolta cabeleira romântica e gravata preta a la Valière: Paulo Salvini - maestro de música. Pretendia dar um concerto de violino e desejava incluir numeros de jovens compositores brasileiros. O Dr. Fontes indicara-lhe o meu nome - que eu tinha lindas composições - berceuses, sonatas, estudos, romances. Queria ouvi-las...

Tiva acanhamento de maguar o maestro, dizendo-lhe francamente que ele fôra vítima de uma pilheria do Fontes; que eu não era compositor si não de versos e que não distinguia a clave de fá da de sol. Procurei uma saída, dizendo estar afastado ha muito tempo da vida artística, que até me desfizera do piano (e mostrei-lhe a sala onde não havia nem espaço para o instrumento).

Para que fui eu dizer isto ! Salvini já estava informado de tudo; em sua lingua híbrida de italiano e português contou-me que fontes lhe havia falado da luta que eu tivera com o Instituto de Música, por causa de minha opera " TUTÚ MARAMBAIA " e da minha disposição de não mais aparecer em programas.

O homem tudo fez para dissuadir-me: que abrisse uma exceção "questa volta" que, em ultimo caso adotasse um pseudônimo. E quando, para livrar-me dele, lhe disse abertamente toda a verdade, não acreditou; e com um " BENE " muito seco e muito frio, foi-se, desapontado...

Fontes soltou formidaveis gargalhadas quando lhe relatei a cena e

tanto se divertiu com aquela diabrura que até em livros seus cita meu nome como de "compositor", musicando versos.

- - -

Todá uma noite não chegaria para contar as partidas satânicas de Martins Fontes, estudante, de vinte anos ou de Martins Fontes, medico, alto funcionario e nome astral na literatura, aos cinquenta.

Às vezes as suas brincadeiras tomam feições de encantadora delicadeza, de traços românticos a Watteau.

Numa das suas vindas ao Rio, ofereceram-lhe uma recepção no Centro Paulista. Já pela madrugada lembra-se que tem que voltar para S. Paulo no dia seguinte e não visitou a herma de Bilac, no Passeio Publico. Decide-se: irá, agora mesmo, entre duas danças. São alguns minutos de taxi da Praça Tiradentes ao Jardim dos Poetas. E ei-lo a procurar flores para levar ao seu grande amigo e mestre. Mas não ha flores dignas de Bilac. As que existem no Club, àquela hora da noite de verão carioca, pendem das hastes fanadas e tristes. Fontes não se atrapalha. Toma pelo braço a primeira moça bonita que encontra, diz-lhe em rapidas palavras o que vai fazer. A pequena segue-o com a confiança que o Fontes inspira a toda gente. Chegados à herma, faz a moça subir ao pedestal e, dirigindo-se ao aêdo das "SARÇAS DE FOGO", diz: - Bilac! não te pude trazer flores; mas aqui te trago a mais linda e fresca rosa do Brasil! Beijo-te, meu irmão! A menina que a principio achava graça, já não sorria. Estava tambem emocionada.

- - -

Ha em toda a obra de Martins Fontes e em toda a sua vida que tambem é uma obra d'arte - um sentimento constante, permanente e integral de exaltação à Belêsa e da Bondade. E não apenas por palavras, na fulguração dos seus poemas, no deslumbramento de suas conferencias. Ele foi um crente, um ortodoxo, um praticante. Artista, ele tem a ansia do perfeito, a preocupação de ser exato e preciso. Não podia deixar de ser em poesia um parnasiano, de adotar a escola que se firma na disciplina severa da forma.

Em suas conferencias, algumas sobre temas profundamente eruditos, é assombroso o seu capricho em ser exato e minudente. Faz trabalhos de beneditino no buscar e rebuscar documentos para apoio de suas asserções.

Na conferencia sobre Pasteur sóbe a centenas o número de obras consultadas; a marginalia de seu estudo sobre Eça de Queiroz é mais extensa que o proprio trabalho. São numerosissimas as citações documentais, em todas as suas palestras literarias.

Esse amor à exatidão revela no artista, a mesma lealdade e honestade que exelem nos atos do gentilhomem que sempre foi.

Eterno boemio de espirito, principe dos conversadores, esse ale-

gre e bulhento jovem que apaixonado canta:

" Estou ficando cada vez mais moço  
Como um rosal ao sol rejuvenesço "

é o mais grave e conservador dos homens no cumprimento dos seus deveres funcionais: pontual e metódico na repartição, nos hospitais, na clinica particular.

Paradoxo ? incoerencia ? inconsequencia ? Eu vos direi que não ! o sentimento de dever, a preocupação de cumpri-lo a rigor criam uma consciencia da propria dignidade o que resulta ainda numa expressão de belêsa.

De resto, a profissão e os encargos quotidianos de Fontes harmonizavam-se e ajustavam-se a essa rutilante faceta da sua vida - a Bondade. Medico, o seu officio era aliviar dores e aflições; com medicamentos e, mais e melhor ainda, com palavras e sorrisos de consolo, de encorajamento e de esperanza.

E com que delicia ele o fazia ao entrar apressado, vermelho, a porejar suor, mas com o rosto redondo aberto num sorriso largo - na Santa Casa, na Sociedade Humanitária, na Casa de Saúde de Santos, na Beneficência Portuguêsa.

Certa manhã, chegando eu a Santos por mar, procurei-o em casa. Sete horas. Já tinha saído. Um taxi conduziu-me a um dos hospitais da sua clinica. E depois do explosivo abraço fraterno, sem interromper os seus afazeres, percorreu comigo dezenas de salas de sofrimento. E em cada uma em que entrava é como se entrasse um sedativo, um bálsamo, uma esperanza. Tinha para todos - doentes, enfermeiras, serviçais - uma palavra amavel, um carinho ou uma brejeirice; e as boas irmãs de caridade sorriam, com um doce contentamento, como se no hospital tivesse entrado, de costume branco e botoeira florida, o arcanjo Rafael em pessoa.

- - -

Essa bondade visceral, medular, transparece a todo instante na obra do artista. Ele não se limita a ser bom: ama a bondade e enaltece-a a cada passo. O amor, ele o considera como a propria essencia da vida, a razão de ser, o alfa e omega da existência humana no planeta.

E não o amor espiritual e cerebral, ou o amor místico, ou o amor sensualismo. Estes tambem, mas todos os outros amores divinos e humanos congraçando todos os homens na mesma solidariedade fraterna em que vivem as abelhas.

" Acima da belêsa o amor existe  
Na santificação da Humanidade "

diz ele em um de seus sonetos, ou, falando da esmola:

" Ao pobre.....  
Ao dar-lhe a esmola agradece  
Dirigiu-te ele uma prece  
Como se fôras um deus..."



A sua conferencia sobre a Cavalaria é toda uma esplendorosa louvação aos que viveram na luta da bondade para o bem, pelo bem. Nela vemos desfilar, ao lado dos herois das cruzadas e da Cavalaria Andante, São Francisco de Assis, São Bernardo, Augusto Comte, Pasteur, Roux, Lesseps, Marconi... e outros e outros cavaleiros do Bem-fazer. E, dos nossos, Anchieta, Nobrega, Pedro II, Patrocínio, Oswaldo Cruz, Teixeira Mendes, Miguel Lemos...

Neste magistral soneto que vou ler estereotipa-se cristalina-mente com clareza solar a sua ambição, o seu sonho, o seu anseio supremo de homem e de poeta; sente-se que esses versos formaram-se no cérebro, mas nasceram no coração.

Nada sou ! Nada tenho ! E, noite e dia,  
Meu espírito vive a imaginar  
O consolo indizível que eu teria  
Em dar, em dar, continuamente dar.

E povoa-me o sono esta alegria,  
Enche-o de sonhos o prazer sem par  
De ser um raio de ouro e de harmonia  
Em cada coração e em cada lar.

Dar tudo, a todos, com fervor fraterno !  
Só possuir para distribuir,  
O meu tesouro astral, prodigio eterno...

Dar, não olhando a quem, sem refletir:  
Ser como o sol, que lembra o amor materno,  
Multiplicado sem se dividir.

Não devo deixar esquecido aquém o amor à sua terra e à sua gente: o seu brasilyrismo, como ele escrevia, o lyrismo com "y", à moda do tempo em que a grafia das palavras expressava alguma coisa.

Desde o " VERÃO " em que Martins Fontes descreve como jamais foi descrita a grandêsa titânica, ciclópica do Amazonas, ele é sempre um encantado do Brasil, dos seus poetas, das suas árvores, das suas frutas e... das suas mulheres.

" Amom ! adoro o Brasil candentemente "

- - -

" Brasil ! fulvo rubí ! fúlgida euclasa  
Ou brasume que o sol corporifica "

- - -

"Patria do Amor, sob o Equador  
O Brasil é um vergel desabrochando em beijos "

- - -

" O Brasil é um vergel desabrochando em beijos "

" Ó meu país, quem te bendiz  
Orgulha-se a espelhar-te a imortal claridade "

- - -

"GUANABARA" é uma coleção de poemas de rubro amor, de apaixonada exaltação pelo Rio de Janeiro. E "PAULISTANIA" ? Que mais rico e mais formoso monumento poderia um artista elevar à glória da sua terra ! ?

" Da minha terra para minha terra  
Tenho vivido. Meu amor encerra  
A adoração de tudo quanto é nosso

Por ela sonho num perpetuo enlevo  
E, incapaz de servi-la quanto devo,  
Quero ao menos ama-la quanto posso ".

Desta maravilhosa obra de glorificação à terra paulista deveriam ser feitas edições populares, às dezenas de milhares. " Paulistania " deve ser o " Livro de Horas " de todas as horas dos paulistas que queiram aprender a rezar com Martins Fontes:

" Amemos nós a nossa lande  
Que o sol do ideal beija e remoça  
Não por ser ela bela e grande,  
Mas por ser nossa ".

- - -

Martins Fontes era frêmito, vibração, ardor, entusiasmo. Ele mesmo o reconhece, comparando-se ao Brasil:

" Sou como tu  
A alegria, a veemencia, a pletora, a ansiedade ".

Era a vida no violento esplendor do verão tropical, ardendo em flamas, luminosa e febril. A sua alegria tilintava como guisos de carnaval, bimbalhava como sinos em manhãs claras de domingo de festa. A sua alacridade vermelha, seivosa, sadia, reconciliava-nos com a vida.

" Mais do que a propria vida nós devemos  
Amar a vida em sua plenitude ".

Assim nos aconselhava ele num dos seus poemas. E ele o cumpria dionisicamente. Fontes era a propria Vida em estado de belesa e bondade.

Por isso é que eu desejei trazê-lo à sua festa, vivo e cheio de saude como ele está em nossa lembrança. Nem uma vês falei em saudade porque não se tem saudade das pessoas presentes. E ele está entre nós, distribuido por todos nós.

São de sua conferencia sobre a ALEGRIA estas palavras em que se

contem um pedido:

" Se alguem um dia quando eu estiver morto, quizer prestar-me subjetivamente a mais grata das homenagens, peço lembrar-se de mim num dia de sol do Brasil. "

Fontes! mesmo nos dias mais sombrios, com o céu coberto de cu mulus, eu me lembro de ti. E desde logo se ilumina e se aquece o meu coração e na minha alma invadida pelo fulgor e pelo ardor da tua lembrança é meio-dia auri-flamante de um dia de sol do Brasil.

-o-o-o-

o-o-o

-o-